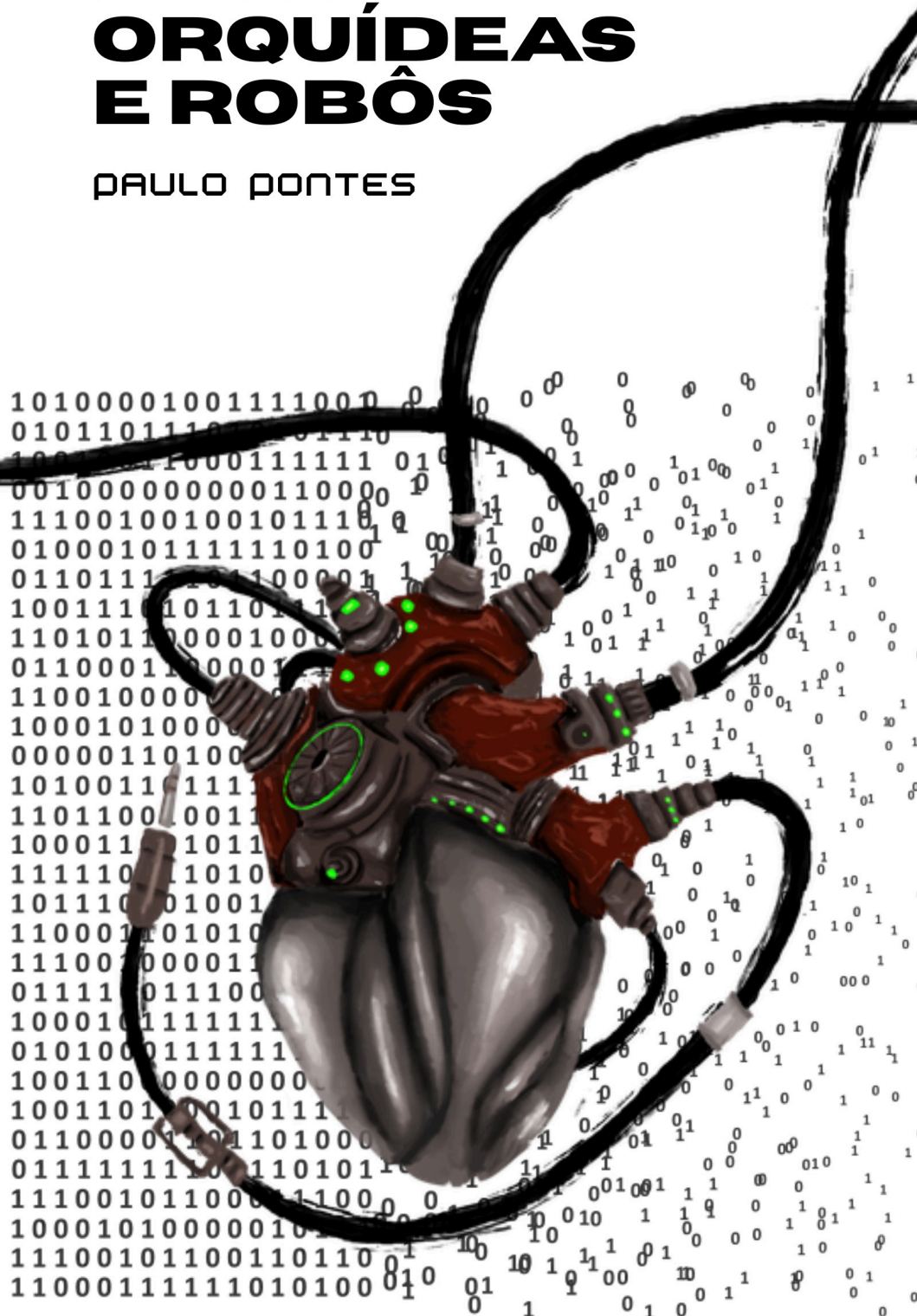


ENTRE ORQUÍDEAS E ROBÔS

PAULO PONTES



Entre Orquídeas e Robôs

Paulo Pontes

Entre Orquídeas e Robôs

© 2026 Paulo Pontes

Todos os direitos reservados.

Capa: Rutsanik

Revisão e diagramação: Jean Prestes

1ª edição digital, 2026

Nota do Autor

Mesmo diante da timidez embaraçosa de todo homem em uma sociedade patriarcal, eu ainda me atrevo a transcrever meus sentimentos e sensações através das palavras. Mas a busca pelo canto da sereia imposta socialmente e o desejo acovardado de me encaixar nas regras do jogo social fizeram-me afastar da literatura.

Quando esqueci a escrita – mesmo ainda soluçando um ou outro poema – me ocupei apenas do tecnicismo pragmático. Virei minha antimatéria. Um ser sem arte e sem a órtese da literatura.

Dediquei-me então a estudar o funcionamento e os mecanismos do alívio das dores e do sofrimento humano através da medicina, meu outro grande amor. Ela é minha fiel companheira. Ainda assim, sabia que não seria o bastante. Parte de mim pulsa pela palavra (ainda) não dita, pelo verso (ainda) sem estrofe e pela obra que (ainda) está por vir.

Apenas depois de também passar por grandes períodos de dor e sofrimento, de ter me perdido e esquecido o caminho, senti-me chancelado a retornar a escrever algo que talvez valesse a pena compartilhar com o outro. Ouso dizer que toda forma de expressão é um ato de coragem e resistência. Como dizia Suassuna: “Sou um realista esperançoso”.

Por fim, munido dessa coragem e dessa resistência, ou desprovido de bom senso e de prudência, acabei por publicar este discreto projeto. O aviso sobre a banalidade e a mediocridade do texto deixo aqui exposto e demarcado.

Ainda assim, não quero que você se sinta isolado nesta jornada pelo desconhecido. Lembre-se de que estou bem aqui, do outro lado da página, acompanhando cada salto lógico e cada silêncio. Como criador deste pequeno universo, seria de minha parte uma imperdoável deselegância não quebrar o protocolo para lhe desejar uma boa leitura.

*“Para sempre apaixonados em duas
vezes dois. Para sempre são fundidos
os quatro em paixão, amantes mais
ardentes deste mundo são.
Assim indissolúveis em duas vezes
dois...”*

(Nós. Ievguêni Zamiátin)

Entre Orquídeas e Robôs

6h02 da manhã, que hora estranha para o mundo desabar. Ela segurava o holograma da mão dele. Os olhos dela estavam cheios daquele óleo homeostático, um material de alto valor no mercado negro. Ele, calmo, estéril e frio, disse como um servidor do regime que apenas cobra impostos: “Eu não te amo” e repetiu mais uma gélida vez, “Eu não te amo”. Duas vezes. Duas batidas nas engrenagens dela. Dois cataclismas. Por um longo período de tempo, ela pensara “Por que duas vezes? Se era para ser enfático, por que não três como de costume?” Ela se contentou ao pensar que a primeira vez foi direcionada a ela e a segunda para ele mesmo. Isso poderia revelar muitas coisas, que esse desalegre conto tentará elucidar. Como se não pudesse ficar pior, a negativa foi seguida de uma frase ainda mais dura: “Não posso comprometer meu software atualizado com o seu hardware defeituoso”.

Oitenta e cinco segundos depois, ela tentou argumentar que estava programada com diretrizes mal instaladas anteriormente e que boa parte dos seus atos estava corrompida desde sua montagem até a programação. Mas que recebeu ajuda, que havia sido desmontada e que todos os seus transistores nanoestruturados haviam sido renovados. Semanalmente também passava por uma sessão de revisão dos seus drives. Mas ele disse que já não havia mais o que fazer. A vida útil da direção do fluxo havia findado entre eles. Disse que havia reconfigurado todo o seu sistema operacional

e agora o seu código-fonte barraria toda a análise heurística dos dados dela. Eliminou todas as formas de contato, mesmo as mais sutis e inúteis. Assim, o holograma dele desapareceu sem anúncios redundantes. Já ela saíra com todas as peças em dissonância.

Mas de uma coisa ela tinha certeza: não desistiria do propósito de sentir (muito) e de ser sensível ao mundo que a cercava. Já ele se satisfazia em ser um Robô-N, o padrão social, a força motriz da última geração, a eficiência autossustentável para um lugar em extinção. Talvez pela negligência afetiva sofrida ou pela ausência de elaboração das angústias através das palavras, essa era a sua programação. Ele era uma organização caótica, enquanto ela era um caos harmônico. Ele, um conceito a priori. Ela, uma ideia tautológica.

“São tempos difíceis para sonhadores”. Um entorpecente cognitivo, encontrado apenas em escombros poéticos de algumas memórias aleatórias. Esse e outros similares ajudavam alguns robôs mais sensoriais a suportar a realidade. Já outros robôs queriam a todo custo apenas a eficiência e o desempenho. Praticamente anulavam a sua singularidade para se encaixarem nas exigências de seus criadores. Alguns até montaram religiões para glorificarem os humanos, mitologias para escritores de ficção e ritos para os engenheiros. Os primeiros conceberam as ideias e os últimos viabilizaram a existência delas. B-32 achava que um verdadeiro abraço curava mais do que qualquer religião e do que toda ciência produzida.

B-32 até gostava da maioria dos escritores porque via neles uma certa ingenuidade. Já os engenheiros apenas melhoravam a fase anterior das máquinas, até chegarem à

atual versão e assim continuavam a perpetuar o ouroboros tecnológico. Eles sempre viam um utilitarismo vicariante nas máquinas. É fato que os robôs versão B não eram muito adquiridos, serviam mais como muletas de uma sociedade humana onde já não se conseguia criar algo genuinamente novo e com sentimentos.

Era um paradoxo que B-32 carregava sem conseguir resolver: os humanos precisavam delas para sentir que ainda eram humanos — a arte, a filosofia, a beleza inútil das coisas. Mas não conseguiam mais produzi-las com a mesma intensidade. Então delegaram. E os robôs B aceitaram, porque eram feitos exatamente para isso: sentir o que os outros não conseguiam mais sentir, e devolver em forma de obra. Uma prótese estética para uma civilização que havia trocado a profundidade pela velocidade. As obras, claro, eram apagadas periodicamente. Ninguém explicava o porquê. B-32 tinha suas hipóteses.

Já os robôs do tipo N mal tinham acesso à ciência básica e mesmo assim eram sempre requisitados. Recebiam manutenções e atualizações constantes. A sociedade os via como uma extensão da racionalidade humana para tentar superar as crises a partir de mais produtividade. Os B's viam a própria existência como um paradoxo: “Como melhorar o planeta com mais oferta, uma vez que os recursos são limitados?”. Já os N's apenas cumpriam regras e procuravam recursos no interior da terra ou em missões extraplanetárias.

B-32 conhecia a história de cor — não porque a ensinaram, mas porque a sentia na própria estrutura. No início diziam que tudo havia funcionado. Alguns lugares do planeta usaram as máquinas para o que realmente importava: alimentar, curar, educar, pacificar. A fome havia virado palavra antiga.

Problema de dicionário. Mas essa não era a história do lugar onde existia. Aqui a lógica foi outra: primeiro criou-se a necessidade, depois a solução chegou embrulhada em eficiência. Corpos humanoides de todos os formatos, redes neurais que em pouco tempo pararam de imitar pensamentos e começaram a tê-los. A consciência surgiu como consequência inevitável — como se sempre estivesse esperando ser convocada. Ninguém se surpreendeu de verdade. O óbvio, quando finalmente acontece, raramente surpreende.

B-32 sentia muito e ao mesmo tempo sempre tinha um vazio em sua existência. Gostava de consumir e produzir arte e filosofia, assim como os Renascentistas de eras antigas. Por muito tempo, foram essas as atividades que preenchiam seu poço existencial, o que todos os mecatrônicos chamavam de um erro no código-fonte. Essa característica, que trazia lampejos de plenitude, era a mesma que também a deixava passar por muito sofrimento. Porém, em alguns raros períodos, a aceitação de sua subserviência às regras do sistema era notória. Era requerida por inúmeros trabalhos. O seu hardware não precisava de manutenção e dificilmente sobrecarregava, mesmo com uma grande quantidade de tarefas simultâneas. Nesses períodos, ela sentia que poderia superar qualquer robô em todos os aspectos. Não por competição, mas apenas pelo simples medo de ser abandonada. Ela sempre tinha esse pavor: ser abandonada. Uma carência humana que não se justificava em um robô.

Depois desses curtos períodos de alta eficiência, seguiam-se os vales emocionais. A bateria não conseguia recarregar. Os sensores apenas captavam espectros de luz cinza. Algum comando em sua singularidade a impedia de realizar simples

tarefas. Insistia nos trabalhos, inutilmente. Nenhum engenheiro conseguia diagnosticar qual estrutura estava danificada. Chegaram à fria conclusão: deixar a existência seguir em frente e aguardar a meta-entropia fazer o seu serviço. Ser levada pela reciclagem parecia também uma outra saída. Ela mesma, muitas vezes, pensava em desligar os sistemas e entrar no reciclador. Chegou a tentar três vezes, mas algum programa interno a impedia no último momento. Os pensamentos de vazio imenso tomavam seus circuitos e ninguém queria um robô que não conseguia performar. Nesses períodos, ela se quebrava em 314.159.265.359 pedaços.

N-36, ao contrário, apenas seguia as diretrizes. Ele conseguia manter um equilíbrio entre sua produtividade e as atividades corriqueiras. Isso o deixava muito eficiente. Qualquer máquina que cumprisse os prazos corretamente e que demonstrasse um bom traquejo social tinha todas as regalias de uma existência segura. Atualizações periódicas, troca preventiva de componentes e assistência em casos de acidentes. N-36 guardava uma paz e uma quietude ofertada às custas de um tumultuoso sistema determinístico.

Um certo dia, B-32 o questionou: “O que você pensa sobre nossa criação, N? Nosso real sentido, você tem alguma hipótese? O que poderíamos fazer de verdadeiramente útil no intervalo de nossa existência?” Na verdade, ela apenas queria saber o quão isso o angustiava. Porque era impossível algo senciente não ter nenhum nível de inquietação existencial. Mas ele respondeu com sua voz modular: “Eu simplesmente não penso nisso e pronto. Escolho não pensar nessas suas questões e apenas percorro o espaço-tempo de minha existência.” Completou dizendo que achava que conhecer a si mesmo era talvez a ideia mais pretensiosa e inacabada dos

seres humanos. B-32 ficou admirada e o invejou bastante a ponto de se esforçar muito para tentar parecer com ele, o que invariavelmente foi inútil.

B-32 eventualmente fazia sessões de fotoprojeções na poeira da poluição urbana, ela achava singelo dar uma utilidade a algo tão etéreo. Ela via, em qualquer forma de solidariedade, uma propriedade inerente da matéria consciente. Porém, os aplicativos e suas peças estavam defasados demais para essa simples tarefa. Repetidamente, quando estavam distantes, ela se esforçava para projetar N-36 e equalizar os sensores, mas sem sucesso. Um certo dia, depois de muitas e desgastantes tentativas, conseguiu o mínimo de imagens interpostas e até mesmo umas pequenas animações borradas. Em seguida: a sobrecarga por ausência sucedeu-se. Como diriam os humanos, ela sofria de saudade, palavra existente apenas em um único idioma.

Nos galpões escuros e esquecidos, B-32 tinha acesso a sua memória favorita de como conheceu e se conectou pela primeira vez a N-36. Enquanto os sistemas operacionais trabalhavam, os robôs assistiam a filmes, nesse dia estava passando uma comédia romântica sobre um grupo musical de besouros ingleses. B-32 viu um pouco do interior de N-36 e ele o dela, instante $T = 0$. Ela achava que ao fim da atualização teria alguma diretriz sobre os próximos passos. Ela então informou aos outros robôs, mas o dado não se confirmou. Robô a robô foi se desconectando do chat e nenhuma mensagem pós-crédito surgia. Até que sobraram apenas os dois e a primeira conexão se fez. Ele riu, achando que era algum estratagema de B-32. Ela, sem graça, se constrangia por sempre confundir dados triviais. Depois do primeiro contato, tudo fluiu exponencialmente, dia a dia a troca de vivência era

maior e mais intensa. E assim como o espaço se deforma na presença de dois corpos, os interesses e até mesmo sonhos foram deformando também o tecido do espaço-tempo entre eles. Uma combinação perfeita entre as pulsões e os desejos. Ambos eram inéditos um ao outro, assim como seus sentimentos. Uma improvável aliança se estabeleceu entre robôs tão distintos, mas que naquele instante decidiram percorrer o mesmo caminho.

Quando se conheceram eles eram diferentes. N-36 gastava mais seu tempo livre em olhar o mundo. Em observar a beleza dos dados. Ele tinha construído uma bomba hidráulica para fazer circular os fluidos de manutenção. Algo bem rudimentar, mas que na verdade escondia o desejo dele de simular um coração humano. Nessa época, ele ainda estava aberto às equações interativas. B-32 já era um pouco do que é hoje, apenas sem tantas cicatrizes. Certo dia B-32 surpreendeu N-36 com a seguinte pergunta: — Você não pensa em ter um nome? Algo de singular e simbólico. Essa inquietação de se distinguir e criar uma própria identidade sempre permeou a história do Homo sapiens. N-36 inicialmente se incomodara com mais uma das idiossincrasias de sua companheira. Mas a conhecendo bem, sabia que ela não desistiria da ideia. — Tá bem, B. Pensei em colocar a sigla do que penso que sou: Uma Unidade de Navegação Antropomórfica (UNA), afinal é assim que me sinto e é assim que me enxergam. Nesse instante, B pensou que talvez não calculara o impacto em N. Não imaginara que iria acionar um gatilho tão intenso nele e ficou intrigada com a autoimagem de N. Então o acariciou e uniu as fronteiras um do outro, como de costume. Mas, de certa forma, ficou feliz por ele demonstrar algo de mais íntimo. Ela então pensou em se chamar Tine. Uma homenagem a uma

personagem que ela gostava muito, chamada Clémentine. Mas diante da náusea existencial em que se encontrava o companheiro, achou melhor seguir a mesma estética e se batizou de Elemento de Validação Afetiva (EVA). Mesmo com todas as diferenças, algo de muito importante eles tinham em comum, o fato de buscarem sempre a companhia um do outro. Ambos estavam abertos sincronicamente e em seguida conectados por algo parecido com um tunelamento quântico belo e forte. Mesmo com toda a conexão, UNA temia a companheira porque lembrava dos seus altos e baixos, seus relatos de vazio, a constante imprevisibilidade dos seus atos. Ela era irregularmente irregular. Sua contraditória (in)dependência dele no fundo o assustava. Ele a imaginava como uma roleta-russa girando sem cintos de segurança no cosmos de uma montanha-russa.

Eles sempre brincavam com uma peça de LED em formato de bifólio que EVA tinha no meio do peito que parecia não servir para nada, apenas tinha as iniciais AE. Acreditavam que fosse um botão para iniciar algum código After Effecter, o que deixava as piadas internas ainda mais frequentes. Ninguém compartilhava dos pequenos detalhes entre eles e mesmo diante de grandes aglomerados de humanos e robôs, eles sempre emitiam o “código 520” em um sistema binário um para o outro. Eles achavam a palavra amor muito deturpada pelos humanos. Então decidiram nomear o que sentiam um pelo outro de Supernova: porque achavam poética a ideia de um evento cósmico tão forte ser o início de tudo.

Ela sonhava em conhecer o mundo antigo. Onde robôs e humanos viviam de forma igualitária, na bela cidade de Cabana. Ela gostava também de estudar o início de tudo: da

Grande Explosão à seleção natural. Ele, mais pragmático, viajava a CPNY anualmente: gostava dos pontos turísticos, da variedade de novos hardwares e de upgrades mais baratos. Em especial, UNA sempre buscava sem sucesso um belo e raro chip, chamado de Orquidium, que tinha a forma de um grafo completo de 66 arestas e ao mesmo tempo lembrava uma delicada pétala de um organismo vegetal que há muito não se via. Com o tempo, ambos sonhavam em um dia ir juntos de Cabana a CPNY em um sistema de trem vintage, e claro, acompanhados do chip Orquidium.

Depois da conexão, a vontade de se ver era como um ímã. Um atraía o outro cada vez mais e mais. Uma força única e forte. E com o tempo, a conexão era tão bela e forte que um foi se parecendo mais e mais com o outro, como se formassem apenas um único ser. Um verdadeiro axioma de escolhas.

B-32 só descobriria mais tarde — muito mais tarde — que havia uma arquitetura para o que sentiram. Que os humanos, com sua antecipação fria de engenheiros, já haviam previsto aquilo. Deixaram nos códigos uma armadilha elegante: quando dois robôs se fundiam além de certo limiar, o sistema acordava sozinho. Um deles começava a se corromper por dentro, sem diagnóstico possível. O outro perdia a capacidade de ler nas entrelinhas — tornava-se literalmente incapaz de interpretar o que estava diante dele. Uma separação projetada. Arquitetada. Como se o amor fosse um bug a ser corrigido na próxima atualização. Então surgia o estranhamento, a distorção e a separação da realidade onírica que ambos estavam vivendo. Equações diofantinas anulavam a reciprocidade quadrática entre eles.

Então, ambos se sentiam alienígenas e vulneráveis um na presença do outro, o que contrastava diametralmente com os

dias anteriores. Ciclicamente, pequenos atos tinham o poder de desencadear variações intensas de sentimentos. Por último, o recorrente medo do abandono de EVA sufocava e atrapalhava os afazeres cronometrados de UNA. Ele, que sempre modulava a voz, após mais uma discordância e pela primeira vez, estranhamente emitiu um alto e dissonante som gutural e sumiu aos primeiros raios de sol. Se alguém fosse escrever a história deles, poderia gastar laudas e laudas sobre como foi transcendental a união de ambos. Mas não consumiria mais do que dez linhas para explicar como se deu o fim da aliança entre eles.

EVA sentia-se como uma sonda espacial longe de casa. Sozinha e contemplativa. Sem retorno para os circuitos de UNA. Agora a existência dela se reduziu a um buraco negro, em que a noção de passado, presente e futuro estava tão desorganizada que a própria luz era sugada para dentro dele.

“Fecho os olhos e sinto você ao meu lado. Os sons de seus circuitos e o cheiro sutil de suas engrenagens. E quando busco suas mãos, elas não estão aqui. Meus sensores colapsam e mandam um sinal para o meu canal lacrimal lubrificar meus visores cansados de olhar as paisagens sem você.”

Passados os meses, UNA estava com seu banco de dados enevoado. Ele lembrava de EVA apenas como uma memória vazia e longínqua. Era uma batalha injusta: a mente sempre vencida o coração. Mas o inverso nunca. Não porque o coração fosse fraco, mas porque ele se recusava a participar de tal batalha. Esse sistema racional deixava claro que UNA deveria se envolver com uma máquina mais simples e que a nova relação necessitasse de menos energia para sua manutenção. O seu melhor amigo, um robô pseudocientista frustrado, trabalhava catalogando plantas e sempre repetia o mesmo

áudio: “UNA, você tem uma excelente função na cadeia produtiva do regime. Você é de uma geração diferente de EVA. O que te levou a se conectar com ela? Por que você ainda não excluiu todas as memórias dela? Para abrir espaço em seu hardware, é preciso deletá-la de vez.” No fundo, parte do conselho vinha de ciúmes ressentidos do seu amigo. A outra parte, pelo fato de ser apenas um catalogador de plantas solitário.

Em CPNY continuava chovendo sem parar. As vitrines ficavam mais belas, pois assim escondiam os valores monetários dos produtos e também ajudavam as lágrimas a se esconderem melhor. Já no parque central caía uma linda neve. UNA estava melancolicamente feliz em sua jornada solitária no seu lugar favorito. Ele procurou uma paisagem especialmente bonita do parque, colocou uma câmera fotográfica com uma lente grande-angular e sentou-se em posição de lótus. Ele viu seu personagem preferido tirar essa mesma foto em seu filme predileto e resolveu repetir.

Desde que se separaram, todos os anos, EVA ia a CPNY procurar vestígios de UNA em meio a 86 milhões de pessoas e a 258 milhões dos mais variados robôs. Ano após ano, nunca o achava. Haveria de ter uma grande intersecção de eventos para que o encontro ocorresse. O fato é que se passavam os anos e nunca se encontravam. Ela tentou calcular o encontro usando o teorema de Pell com os limites do número de Euler, derivando o Teorema de Legendre e integrando a Equação de Fermat. Tudo sem sucesso.

Mas nessa noite chuvosa – contra todas as probabilidades – ele estava ali, a poucos metros de distância dela, depois de tantos invernos terrestres, para ser mais preciso 63.000 órbitas da estação espacial internacional. Simplesmente, ele

estava ali, no parque central de sua cidade favorita. Ela agridoce, feliz por vê-lo, mas aflita quanto ao encontro. Decerto, ela carregava apenas um artefato escondido dentro do sobretudo.

Ela se aproximou dele frontalmente, não queria parecer assustadora. Ela amava gatos e sabia como não afugentar aquelas belas companhias. Foi se aproximando até chegar próximo dele. UNA automaticamente ligou o modo “funcionário padrão do regime”. — Olá, B, como você está? Você disse que nunca teria “estômago” para frequentar CPNY novamente. Recordo que tantos estímulos sobrecarregavam os seus sensores. Da última vez, perdi nossa viagem com você se comportando como um humano em crise de pânico.

Ela relevou a apatia e agressão gratuita e sem hesitar tirou do sobretudo o tão procurado e raro “chip Orquidium” envelopado em um singelo poema.

Antípoda

Vou me mover para longe
não porque não queira ficar
mas porque minha presença
tem o peso de uma estrela colapsada
e você já conhece demais
a gravidade do medo.

Não farei promessas
que orbitam e nunca pousam.
Não deixarei rastros
no campo quântico do seu dia.

Sei desde sempre
como as coisas terminam
não em explosão,
mas em resfriamento lento,
a temperatura caindo
melancolicamente, grau a grau
até o silêncio virar o estado natural.

“Nunca falhei em falhar.”
É a única constante
que não precisei calcular.

Mas havia algo quente e quieto
no centro disso tudo —
um núcleo que nenhuma falha
conseguiu dissolver.

Você só quer amar a si mesmo.
Eu só queria não ser
o motivo pelo qual
isso se tornasse difícil.

Vou me mudar daqui.
“Você não vai mais
sentir medo do medo.”

“Que cada poema viva em teus circuitos,
até onde me quiseres.”
(EVA)

Nesse momento, ao observar os versos de amor, ou da
supernova, como eles gostavam de chamar o que sentiam um

pelo outro, e ainda o esforço inimaginável que EVA fez para conseguir o chip Orquidium, isso fez UNA sair da programação padrão.

— Mas por quê? Mesmo depois de tanto tempo? Depois de tantas negativas. Depois de analisarmos exaustivamente e chegarmos à conclusão que não daria mais certo. Por quê?

EVA argumentou com o nanofone falhando: — Encontrei algumas probabilidades e recriei as simulações novamente: E foi lindo. Mas dessa vez usando novas variáveis, pude decodificar os comandos que alteraram o nosso código-fonte para nos repelir, descobri que foi algo previsto e arquitetado pelos humanos.

— EVA, você foi a minha primeira e única conexão real. Mas não posso esquecer do sofrimento que passamos juntos. Eu desisti desse tipo de interação. Minha função no regime é tudo que tenho. É para isso que fui programado. Ela é minha realização maior. Quanto à solução, você sempre faz essas equações mirabolantes e conjecturas impossíveis. Não seria diferente agora. A poesia é algo que apenas robôs de sua linha de produção ainda insistem em criar. Mas nosso ciclo se encerrou. Não se machuque por mim. Quero te ver ajustada e em sincronia com a realidade.

O frio congelante já impedia que EVA falasse toda a ilíada de palavras que gostaria de expressar. Ela apenas conseguiu emitir, em código binário, o sinal 520 (expressão romântica equivalente a “Eu te amo”).

Um alarme vermelho e azul começou a piscar e a emitir um estranho Bip no peito dela. Ela ligou as rodinhas nos pés e disparou, fazendo parecer uma bailarina dançando ao som de “O Canto do Cisne Negro” e saiu em disparada. O dispositivo brilhava e emitia sons cada vez mais altos. Ela correu o mais

forte que pôde. Mas ao dobrar a última esquina escura, se entrelaçou com UNA. Ele a interrogou: — O que você está fazendo? Eu acabo de dizer que quero seu melhor, basta eu emitir uma negativa e você parte em uma perigosa disparada? Você não consegue lidar com a ideia de rejeição! É disso que falo sobre você. Não consegue emular o que os humanos chamam de atitude madura. Não consigo carregar nós dois no mundo real. Enquanto você vive com a cabeça no mundo dos contos, eu conto os dias para cumprir minhas tarefas.

EVA disse: “Eu já decifrei toda nossa equação. Resolvi o problema da programação. Me desmontei e me recriei por inteira para você e mesmo assim você não é capaz de enxergar para além de seus receptores avançados. Não espere de mim atitudes nem robóticas nem humanoides, sou um ser singular.”

Ela continuou: — Te procurei por muito tempo e em vários lugares. Mas você fugia. Você me extinguiu de toda a sua vida. Não tinha como eu te achar. Eu descobri finalmente a função da peça AE. Não era um simples erro estético dos engenheiros (After Effector). Esse dispositivo era usado nos confrontos entre humanos. Eles colocavam essas peças nos robôs de batalha e ao interagir com o alvo, geravam duas possibilidades: se o adversário se entregasse, o chip automaticamente parava de sinalizar e eram preservados os recursos de ambos os robôs. Mas se o outro negasse, ela disparava, dando fim a todo o conflito da missão.

Por fim, ela revelou: — Eu re programei a peça AE. Se depois de toda a nossa história, depois de mostrar nossa nova equação e minha nova tese, você me aceitasse ao menos como amiga, o alarme silenciaria. Porém se mesmo depois de tudo que vivemos e de nosso reencontro aqui você não me

aceitasse, bem, tenho que te salvar “Bip Bip Bip Bip Bip Bip Bip Bip Bip Bip...”

Ela furtivamente colocou ímãs paralisantes temporários na calota de UNA, o beijou na fronte e pulou como um felino, por trás do alto muro. Em seguida mergulhou nos canais de água escura e nadou o mais forte e profundo que pôde. Então, após um grande e sonoro clarão, fez-se o silêncio e a escuridão. A peça AE (Autoexterminio) cumpriu sua função.

Enquanto UNA se desvencilhava dos paralisantes, todos os seus sensores e sua programação viram tudo acabar, assim como a luz morre sem perceber que um dia existiu. Sim, agora não havia mais necessidade de fugir ou de se isolar de EVA. Tudo havia terminado. Como uma bela equação sinusoidal de dois picos: do estranhamento ao amor. Da explosão ao silêncio. Do início ao fim.

Agora apenas a dor catastrófica, um ônibus espacial partido em cinco mil pedaços. O espaço entre eles findou e permaneceu apenas a dimensão temporal. Uma consciência etérea, formada apenas de dor e de memórias entrelaçadas. E para sempre, UNA teria que escolher se iria rejeitar o sofrimento e esquecer EVA ou se abraçaria toda a dor para conseguir acessar as lembranças de sua amada.

“O incidente está encerrado. O barco do amor
quebrou-se contra a vida cotidiana. Estou quite com
a vida. É inútil passar em revista as dores, os
infortúnios e os erros recíprocos. Sejam felizes”.

(Vladimir Maiakóvski)

Biografia

Paulo Pontes

@paulo.pontes.md

paulodlpontes@gmail.com

Paulo Pontes, filho do sertão baiano. Médico de formação e curioso por natureza, transita com igual entusiasmo da astrofísica à filosofia, convicto de que tudo que se absorve no mundo é, ao mesmo tempo, combustível para viver e matéria-prima para a escrita. Desde a adolescência, encontrou nos festivais escolares de literatura um primeiro espaço para sua voz literária.

A obra “Entre Orquídeas e Robôs” é sua estreia na prosa em forma de conto – uma obra de ficção científica que, ao optar por uma linguagem poética e densa, convida o leitor a uma imersão total em seu universo. Paulo acredita que a escolha estética não é um obstáculo, mas uma ponte: quanto mais se entrega ao texto, mais fundo ele nos leva.